

Ensaio de MARIA ISABEL MACEDO DA SILVA BENTO

INTRODUÇÃO

A Professora Doutora Lídice Meyer Pinto Ribeiro transportou-nos em reflexões sobre a presença feminina, ao longo do contexto histórico, religioso e social, desde os primórdios da humanidade até ao cristianismo, através da análise de arquétipos e símbolos, que são evidência da importância do sagrado das mulheres nas culturas e religiões da antiguidade, até aos nossos dias.

Participámos em quatro aulas: “O sagrado feminino nas origens da humanidade”; “Arquétipos do sagrado feminino”; “Evidências do sagrado feminino na Bíblia”; “Preservação do sagrado feminino no cristianismo” – e poderíamos escolher um qualquer tema, mas em termos pessoais, não poderia deixar de escolher a Mulher mais sagrada, a Mãe do Senhor, Maria de Nazaré, como protagonista do meu breve ensaio.

DESENVOLVIMENTO

Aprendemos que, ao longo dos milénios, foi sempre prevalecendo a imagem do sagrado feminino, por meio da sua ligação à natureza (Terra e Lua) e através da sobrevivência dos seus atributos divinos (fecundidade, maternidade, fertilidade, força, entre outros). Com Maria, a nova Eva, temos bem saliente a sua qualidade de divindade materna geradora de vida, com a gruta como local onde deu à luz Jesus, num arquétipo herdado de toda uma tradição de divindades antigas, sendo Ela própria a representação personificada de uma divindade feminina, com todos os símbolos associados ao culto mariano. Maria é mãe do “verbo encarnado”, fecundada pelo “Espírito Santo”, dando vida a uma divindade, o Filho de Deus (Silveira, Bastos e Zdebsky, 1981).

O termo Grande Mãe Universal, entendido como uma Deusa mais-do-que-humana, cujos poderes se difundem por toda a natureza, por toda a vida humana, por todo o mundo animal e por toda a vegetação, reconcilia a humanidade com o princípio feminino e com o papel social da mulher. Em todos os movimentos contemporâneos que destacam e honram o símbolo feminino, apontam para uma convivência de não-violência e de respeito pela vida e pela sua diversidade (Oliveira, 2005).

Na Bíblia há referências a diversos papéis de mulheres, das quais Maria incorpora os de “filha” (de Ana e de Joaquim, mas também de Deus); “virgem” prometida, “noiva” e “esposa” de José; “mãe” de Jesus, o Messias Salvador e Filho de Deus; “discípula” do Evangelho; “rainha” dos Anjos e dos Santos. Temos várias referências nos Evangelhos à Sua pessoa, na Sua aceitação da missão que Deus Lhe destinou (Mt 1, 18; Mc 1, 9-10; Lc 1, 38), na Sua maternidade (Lc 2, 6-7), no Seu silêncio e na Sua meditação (Lc 2, 19; Lc 2, 51), na sua prontidão para ajudar (Lc 1, 39-42), na Sua determinação ao procurar o Seu filho (Lc 2, 44-49), na Sua cooperação e presença (Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35; Lc 8, 19-20), no Seu sofrimento (Lc 2, 33-35), na Sua atenção às necessidades dos outros (Jo 2, 1-3), na Sua entrega a todos os homens como Mãe (Mt 27, 55; Mc 15, 40; Lc 23, 49; Jo 19, 25-27), na Sua liderança (presença junto dos discípulos no Cenáculo, aquando da descida do Espírito Santo).

O aprofundamento teológico e espiritual da tradicional oração dedicada a Nossa Senhora, também nos convida a fazer a experiência do feminino em Deus, pela ação do Espírito Santo: “Ave Maria” (saudação do Arcanjo Gabriel, quando anuncia a Maria que será mãe); “cheia de Graça” (sob o efeito do Espírito Santo e escolhida por Deus); “o Senhor é convosco” (Deus no coração e na Sua alma pura); “bendita sois Vós entre as mulheres” (saudação da prima Isabel assim que chega a Ein Kerem); “bendito é o fruto do Vosso ventre” (identificação do Filho de Deus, “Jesus” e as restantes invocações “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”, que resumem a importância do culto mariano e do quanto o poder da Virgem Maria pode ajudar-nos na Sua intercessão junto do Seu Filho, Jesus Cristo, sentado à direita de Deus Pai (Boff, 2014).

Os homens sempre gostaram que lhes recordassem o seu parentesco com personagens da literatura, da política, do exército, da Igreja. E temos a Virgem Imaculada como Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho e Esposa de Deus Espírito Santo. Sabemos que a Jesus sempre se vai e se “torna a ir” por Maria (Escrivá, 1939).

A Virgem Maria ocupa um lugar fundamental no mistério do Verbo encarnado por obra e graça do Espírito Santo e é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe Redentora de Deus e Mãe da Igreja, tendo sido preservada e imune de toda a mancha da culpa original e terminando o curso da vida terrena pela assunção ao céu em corpo e alma, como antecipação da ressurreição de todos os cristãos, estando glorificada e sendo sinal de esperança segura e de consolação para o povo peregrino de Deus (CIC, 1993).

Vimos que Deus é Pai e Mãe, pois dá à luz, amamenta, sustenta, consola, perdoa e sofre. Tudo conosco e por amor a nós. Também a Virgem Maria tem muitos e variados títulos, mas há um que permanece comum a todos – Mãe. Ela é Mãe, em todas as horas da vida, de cada um de nós e da Humanidade. Mãe de Cristo e, por isso, Mãe da Igreja, Mãe da Humanidade. A experiência do amor da Mãe do Céu que nos ajuda e nos leva também a participar no amor privilegiado que Nossa Senhora tem pelos perseguidos por amor a Cristo (Gonzalez, 2015).

CONCLUSÃO

Tudo nos leva a pensar no lugar da Mulher na Igreja, pergunta pertinente e constante, muito atual e que cria inquietação em muitos de nós, que poderá servir de inspiração para um rumo de conciliação, caminhos novos e diferentes daqueles a que estamos habituados. Há, claramente, uma intenção do Papa Francisco, sinal que dá para uma abertura paulatina e prudente, passando pela criação de grupos de estudo para o ministério ordenado e colocando em lugares cimeiros no Vaticano alguns elementos femininos. A Igreja tem uma sabedoria própria e veja-se a autorização de Bento XVI para cristãos católicos mais tradicionalistas que queriam usar a reforma litúrgica de Pio V, pré-conciliar ao Vaticano II. Os teólogos sempre esbarraram com Cristo a chamar apenas homens, os Apóstolos, mas o que seria Maria Madalena que sempre O acompanhou e que foi a primeira a anunciar que Ele estava vivo? E todas as outras mulheres que O seguiram e serviram (Mt 27, 55) também fizeram parte da Sua vida. Haverá muito que esperar e que rezar para que se vá amadurecendo a questão das adaptações nas regras e rituais da Igreja Católica, mas o sinal vem sendo dado e aos poucos vão-se desvelando iniciativas e verificando a entrega de serviços de grande responsabilidade a mulheres, com toda a justeza. Por conseguinte, os tempos farão justiça ao papel do “Sagrado Feminino no Cristianismo”.

Foi um enorme prazer escutar as temáticas deste curso, pela elevada qualidade, mas também pela disponibilidade e simpatia da docente. Sempre que decorram outros cursos similares, terei o maior interesse em participar, pois tenho a certeza de que continuarei a aprender muito com a Universidade Lusófona.

BIBLIOGRAFIA

- Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica – Centro dos Franciscanos Capuchinhos, 2009.
- Boff, L. Ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 2014
- Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, 1993.
- Escrivá, J., Caminho, Caritas in Veritate, 1939 in <https://pt.escrivaworks.org/book/caminho.htm>
- Gonzalez, M. T. M. – Teu nome: Mãe. Lisboa: Fundação AIS, 2015.
- Oliveira, R. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. Revista Ártemis (3), dez 2005, pp. 1-16,. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2200/1939>
- Silveira, A. D.; Bastos, R. A. S. M.; e Zdebskyi, J.F. – O sagrado feminino entre hebreus e cristãos: das grandes deusas à Maria. Rio de Janeiro, 1981, <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/13045/pdf>

Lisboa, 12 de junho de 2021